



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

DEBATES CRÍTICOS NOS *ENSAIOS LITERÁRIOS*: A
NASCENTE LITERATURA BRASILEIRA SEGUNDO
ÁLVARES DE AZEVEDO E BERNARDO GUIMARÃES



CRITICAL DEBATES IN *ENSAIOS LITERÁRIOS*: THE
EMERGING BRAZILIAN LITERATURE ACCORDING TO
ÁLVARES DE AZEVEDO AND BERNARDO GUIMARÃES

Luís Otávio Rocha NASCIMENTO
Universidade Federal de Viçosa, Brasil

Natália Gonçalves de Souza SANTOS
Universidade Federal de Viçosa, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 24/01/2024 • APROVADO EM 04/08/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1493>

Resumo

Este artigo analisa os ensaios críticos “Alfred de Musset — Jacques Rolla”, de Álvares de Azevedo e “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira”, de Bernardo Guimarães. Ambos foram publicados nas folhas do periódico acadêmico paulista *Ensaio Literários* (1847 – 1850) e fazem parte do pequeno, mas valioso, acervo crítico dos autores. É feita uma discussão a respeito da influência do comparatismo francês do século XIX no pensamento dos

escritores e como cada um concebia a literatura brasileira a partir dele, como também o que pode ter motivado divergências e convergências críticas entre eles.

Abstract

This article analyzes the critical essays “Alfred de Musset — Jacques Rolla”, by Álvares de Azevedo, and “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira”, by Bernardo Guimarães. Both were published in the pages of the academic journal *Ensaaios Literários* (1847 – 1850) from São Paulo and are part of the small but valuable critical repertoire of these authors. The article discusses the influence of French comparativism of the 19th century on the writers thought and how each one conceived Brazilian literature based on it, as well as what may have motivated critical divergences and convergences between them.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Romantismo. Comparatismo. Crítica literária. Periodismo cultural.

Keywords: Romanticism. Comparatism. Literary criticism. Cultural journalism.

Texto integral

Introdução

Este artigo pretende explorar a crítica literária brasileira do século XIX, mais especificamente analisando dois artigos de dois dos mais importantes escritores do Romantismo brasileiro: Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães. É importante notar que há poucos trabalhos críticos deixados pelos autores selecionados para análise, mas entre eles encontram-se dois ensaios de grande relevância para a crítica literária brasileira oitocentista: “Alfred de Musset — Jacques Rolla”, de Azevedo e “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira”, de Guimarães. É imprescindível se voltar às fontes primárias e analisar a produção dos críticos do período, pois como será discutido adiante, a crítica literária do século XIX desempenhou um papel fundamental na construção da literatura brasileira, chegando a ser responsável por inventar a literatura nacional. Nesse sentido, nosso trabalho procura resgatar conceitos básicos dos dois ensaios e o possível referencial teórico que os embasam, entre outros, àquele proveniente das revistas culturais europeias, como a *Revue des Deux Mondes*, e a forma como nossos autores lidaram com os outrora mais recentes pensamentos acerca do compartilhamento de heranças culturais, provenientes da cátedra francesa de literaturas estrangeiras.

Para contextualizar a análise dos artigos, é fundamental retomar o contexto histórico em que os autores viveram e compreender o funcionamento da Academia em que estudaram. Para tanto, utilizamos como bibliografia básica o livro *O Romantismo Paulista: Os Ensaaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*, de Hélder Garmes. O livro nos permite entender o funcionamento das associações acadêmicas, em especial do Instituto Literário Acadêmico, que publicava o periódico *Ensaaios Literários* (1847 – 1850), no qual José de Alencar, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães colaboraram, entre outros. Embora este artigo foque apenas em Azevedo e Guimarães, teremos uma ideia geral do que se passava nas páginas dos *Ensaaios*. Além disso, a *Formação da Literatura Brasileira*, O

Romantismo no Brasil e Literatura e Sociedade, todos de Antonio Candido, foram utilizados como bibliografia para que pudéssemos melhor compreender o contexto em que viviam nossos autores do XIX.

Partindo para a análise dos artigos, serão explorados conceitos cruciais para a compreensão da crítica literária brasileira do século XIX, tais como a relação entre literatura nacional e estrangeira, a opinião dos escritores a respeito da imitação de obras estrangeiras, a influência portuguesa e a francesa na literatura brasileira e como essas questões foram abordadas por Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães em seus artigos nos *Ensaaios Literários*. A análise será dividida em três partes, sendo a primeira delas dedicada ao artigo de Azevedo, a segunda ao de Guimarães e, por fim, na terceira parte haverá uma discussão a respeito das convergências e divergências críticas entre os autores, levando em conta não só o que foi dito, mas também como foi dito e a presença de referências a professores e pensadores franceses de literaturas estrangeiras. Madame de Staël e Edgar Quinet, no artigo de Azevedo, e Ferdinand Denis, Almeida Garrett e Staël (indiretamente), no de Bernardo Guimarães, são exemplos de autores que exerceram influência sobre a crítica literária brasileira.

Para auxiliar nesse tema, o livro *Um Leitor Inconformado: Álvares de Azevedo e a Literatura Comparada*, de Natália Santos, serviu como guia das relações entre os comparatistas franceses e os acadêmicos brasileiros. Em seu livro, Santos também analisa o artigo de Azevedo e nos informa que ele teve contato com os comparatistas por meio da *Revue des Deux Mondes*, o mesmo veículo pelo qual Guimarães teve contato com os mesmos autores. Além disso, *O Romantismo no Brasil*, de Antonio Candido, foi usado para auxiliar no entendimento da influência de Ferdinand Denis no pensamento não só de Guimarães, mas de toda uma geração de literatos. E a *Formação da Literatura Brasileira*, também de Candido, foi utilizada para entender como poderia Madame de Staël estar presente no discurso do autor sem ser citada diretamente.

Por fim, o foco desta reflexão recai sobre o artigo de Bernardo Guimarães e suas divergências e convergências com o pensamento crítico de Azevedo. Isso torna esta colaboração pertinente, pois, já naquela época era possível notar as características regionalistas no pensamento de Guimarães, enquanto que em Azevedo sua visão cosmopolita e seu byronismo eram mais evidentes. Porém, como será demonstrado no artigo, apesar dos autores parecerem tão distantes e divergentes em suas opiniões críticas sobre literatura, há outros elementos para se levar em consideração, como o fato de terem entrado na Academia no mesmo ano e terem tido um contato próximo. Sendo assim, além de terem acesso às mesmas revistas e pertencerem à redação do mesmo periódico, evidenciando que, levando em conta questões temporais e espaciais em que se encontravam, mesmo que fossem diferentes superficialmente, havia semelhanças em seus pensamentos.

O papel da crítica literária na formação da literatura brasileira

Para compreender as visões críticas de Bernardo Guimarães e Álvares de Azevedo, é necessário conhecer o contexto em que eles estavam inseridos e a crítica literária acadêmica do século XIX. Nesse sentido, é importante contextualizar as associações estudantis e o jornalismo cultural que era praticado

nas folhas dos jornais acadêmicos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, antiga Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo. Segundo Hélder Garmes, o primeiro periódico acadêmico a tratar de literatura foi *O Amigo das Letras* (1830), que contava com Josino Nascimento Silva entre seus redatores. Vale destacar que, dois anos depois, Josino também foi redator da *Revista da Sociedade Filomática*, pertencente à associação Sociedade Filomática, “a pedra fundamental do periodismo científico e literário da Academia de São Paulo” (Garmes, 2006, p. 15). Além de Garmes, Candido também salientou a relevância da *Revista da Sociedade Filomática* em seu ensaio “A Literatura na Evolução de uma Comunidade”, em suas palavras: “Por volta de 1830 é que vamos encontrar uma segunda congregação de homens, valores e ideias, em torno da *Revista da Sociedade Filomática*, de importância apreciável em nosso Pré-romantismo, como assinalou José Aderaldo Castelo.” (Candido, 2006, p. 153).

Dezessete anos após o aparecimento da primeira revista voltada para a literatura surgiram os *Ensaio Literários* (1847 – 1850), que tinham como propósito colaborar para a construção literária do país, sendo assim, precisavam não só dialogar com a elite letrada, como também com o “povo” ao qual se referem na introdução de seu jornal. Porém, como observa Garmes:

Esse “povo”, porém, era concebido de modo muito peculiar, pois a maioria da população brasileira, em meados do século XIX, era analfabeta e, provavelmente, pouco dada às luzes e, em especial, às publicações acadêmicas.

O “povo” de que falam os redatores não era, com certeza, o negro escravo, nem o índio, “selvagem” ou “civilizado”, nem mesmo o trabalhador branco do campo ou da cidade; era, sim, pura virtualidade, aquele “povo” referido nos textos dos autores europeus, lidos pelos acadêmicos. (Garmes, 2006, p. 66).

A vontade de participar ativamente da criação de uma literatura nacional não foi uma exclusividade dos estudantes engajados nos *Ensaio Literários*, mas uma constante em toda uma geração. Em seu ensaio citado anteriormente, no qual discute a relação entre literatura e sociedade, mais especificamente o papel da literatura na evolução de uma comunidade, Antonio Candido demonstrou como a Academia propiciou a união desses jovens com objetivos em comum:

Interessa-nos aqui, justamente, apontar algumas manifestações desse espírito de grupo na literatura; mostrar como a convivência acadêmica propiciou em São Paulo a formação de agrupamentos, caracterizados por ideias estéticas, manifestações literárias e atitudes, dando lugar a expressões originais. (Candido, 2006, p. 154).

Dentre esses agrupamentos, destaca-se aquele que se reuniu em torno do jornal ora estudado porque ele teve como colaboradores grandes nomes do Romantismo brasileiro em sua equipe, como Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e José de Alencar. Foram nas páginas dos *Ensaio* que os acadêmicos que viriam a ser grandes nomes do movimento romântico refletiram sobre a literatura, fosse ela nacional ou estrangeira. Sendo assim, foi nesse meio acadêmico

em que surgiu o que depois foi canonizado como o Romantismo brasileiro, com a crítica literária desempenhando papel de farol para que os escritores nacionais se guiassem. Uma vez que, após a independência política de Portugal, os brasileiros se voltaram para os campos do conhecimento em busca de uma independência intelectual, e na literatura não foi diferente, a crítica, em sua maioria, atuava em busca de um nacionalismo literário, elevando as obras que ostentassem a cor local e rebaixando as que se afastassem dela.

Diante dessa função da crítica, Maria Eunice Moreira afirma:

É quase possível afirmar — ou é possível afirmar — que a crítica “inventou” a literatura nacional, desconsiderando o autor e a obra que não se regesse por esse diapasão; no campo da política, colaborou para o nascimento de uma nação, firmando princípios que permitiram acentuar e definir a pretendida autonomia. (Moreira, 2013, p. 45).

Nos artigos “Alfred de Musset — Jacques Rolla” e “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira”, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães se propuseram, de uma forma ou de outra, a pensar a formação da literatura nacional e sua relação com as literaturas estrangeiras. Portanto, neste artigo serão analisadas as visões que os autores defenderam em seus artigos, tendo em vista não só o que estava literalmente escrito, como também a forma como eles enxergavam a literatura brasileira, seja por meio de citações de outros autores ou afirmações dos próprios críticos.

Alfred de Musset — Jacques Rolla

Dividido em três artigos nas edições dos *Ensaio Literários* de 1850, esse ensaio escrito por Álvares de Azevedo analisa o poema “Rolla”, do poeta francês Alfred de Musset. Cabe ressaltar que o artigo não chegou a ser terminado, e que as partes publicadas no periódico são apenas três, sendo finalizado após o trecho que tem como subtítulo “Ao pé do leito”. O poema de Musset, “Rolla”, foi publicado na *Revue des Deux Mondes* no ano de 1833, e parece ter sido por meio da revista que Azevedo teve conhecimento do poema. Além disso, o artigo de Álvares de Azevedo não é apenas uma análise do poema, como também conta com traduções de trechos de “Rolla” feitas pelo próprio articulista. Logo no início de seu ensaio, Azevedo deixa evidente a partir de qual perspectiva Musset e seu poema serão analisados, demonstrando que assim como o Jano latino tem duas faces, o gênio também (Azevedo, n. 1, p. 5, s.d. [1850]).

Sendo assim, as dicotomias estão presentes em boa parte do artigo, como pode ser visto ainda em Homero, que vivia numa Grécia com tradições dos pelágios e egípcios. Esse ponto de vista alvaresiano demonstra uma consciência de que mesmo a literatura que foi precursora de toda literatura ocidental usufruía de tesouros culturais de outros povos. Em seu livro *Um Leitor Inconformado: Álvares de Azevedo e a Literatura Comparada*, Santos destrincha a opinião de Azevedo quanto a usufruir de heranças de outras nações:

Nota-se, no primeiro parágrafo, certa intenção de marcar a sobreposição de diferentes civilizações na constituição de uma herança literária da qual o poeta francês não hesita em se servir. Preservando a análise baseada na teoria dos contrastes, Álvares de Azevedo procura demonstrar que mesmo a literatura grega, base da civilização ocidental, já continha em si traços de outras culturas. (Santos, 2022, p. 195).

Portanto, é possível afirmar que Álvares de Azevedo tinha completa noção de que nenhuma literatura surgiu sem se apoiar em outras, e pode-se deduzir que não seria diferente com o caso da brasileira, na qual entevia o cultivo das letras ainda em estado incipiente. Além disso, ele não se fechava às literaturas estrangeiras, como muitos de seus colegas faziam, o que pode ser comprovado considerando também sua produção poética e ficcional.

Conforme demonstra Santos, o poeta brasileiro pode ter tido contato com tais ideias por meio de artigos de professores franceses de literaturas estrangeiras, publicados na *Revue des Deux Mondes*. Esse conjunto reflexivo pode ser apontando como ancestral do que hoje se chama de literatura comparada, um conceito que pode ter significados plurais, como a comparação entre literaturas de países e culturas distintos, ou comparar literaturas nacionais, ou mesmo diferentes culturas dentro de um mesmo país. Os ensaios dos professores franceses serviram como precursores do comparatismo, como nos diz Santos a respeito do início da literatura comparada:

A história dos estudos franceses de literatura comparada é extensa e ramificada, lançando suas raízes no século XVIII. A própria concentração do saber a esse respeito, que provém, como dito, dos estudos de literaturas estrangeiras, não era de domínio específico de um determinado grupo acadêmico, contando com diversos intermediários, tais como professores de outras disciplinas (especialmente os de literatura francesa), salões da alta sociedade, como o de Madame de Staël, e meios de circulação não universitários, como as revistas de grande difusão da cultura letrada. Assim, as cadeiras universitárias de literaturas estrangeiras, criadas a partir de 1830, ocupam um papel direcionador num processo de internacionalização, que vai além dos interesses culturais e acadêmicos. (Santos, 2022, p. 85).

Considerando essas relações entre uma literatura nacional, sua tradição cultural herdada de outros povos e o conhecido contato do ensaísta brasileiro com as revistas literárias francesas, pode-se dizer que a visão global de literatura ostentada por Azevedo é semelhante com o que foi pensado pelo professor Edgar Quinet e tratado em uma de suas aulas de literatura estrangeira:

Ao englobar escritores de diferentes países e gerações, esse espírito, do qual o escritor brasileiro certamente partilhava, instaura a perspectiva dos estudos comparados em sua crítica literária, divulgados pelos trabalhos franceses sobre literaturas estrangeiras. Afinal, pode-se ver aí a aliança dos povos, pautada

num espírito comum, da qual nos fala Edgar Quinet, em sua aula inaugural de 1839. (Santos, 2022, p. 187).

A respeito do conceito de imitação, tema recorrente entre os românticos, uma vez que buscavam sua originalidade e expressão de sua própria subjetividade, Azevedo demonstra preocupação com o tema em seu artigo. Para adentrar na questão, o ensaísta utilizou-se da relação que havia feito entre Alfred de Musset e Byron, colocando o primeiro como um espírito que estava em sintonia com o segundo. Porém, faz questão de certificar que Musset não copiava Byron: “Alfred de Musset é uma dessas almas de poeta, que se batizaram no ceticismo das ondas turvas de Byron. Não é um plagiário contudo — não é um árido imitador.” (AZEVEDO, n. 1, p. 6, s.d. [1850]). Sobre a presença do poeta inglês como matriz poética nos ensaios alvaresianos sobre Musset e George Sand, Santos nos diz:

Lord Byron funciona, então, como substrato comum a Musset e Sand e, como se sabe, a toda uma geração de artistas, em diversos países, que se nutriram da poderosa aura que emana de sua obra. Álvares de Azevedo não percebe, porém, essa relação de forma negativa ou como simples modismo literário, avaliando-a como vínculo muito mais profundo. (Santos, 2022, p. 184).

Apesar da preocupação com a imitação, pode-se dizer que Álvares de Azevedo vê o tema de maneira mais ampla que seus contemporâneos, pois é preciso mais que temas em comum para levar o autor a crer que se trata de um plágio. Essa era uma questão sensível aos românticos, ciosos de sua originalidade. No entanto, talvez por se tratar do mais byroniano dos poetas brasileiros, Azevedo tivesse um entendimento superior a respeito do tema e soubesse discernir melhor do que ninguém quando se tratava de um mero plágio ou quando o poeta conseguia apropriar-se de suas leituras, num processo de reelaboração que envolvia a subjetividade. Porém, não era essa a visão da maioria dos críticos, sendo que o próprio poeta não escapou de críticas desse tipo, mesmo mais de um século depois:

Álvares de Azevedo [...] [escolheu] personagens e ambiência alienígenas ao contexto social brasileiro de sua época. Mais que isso, sua narrativa foi enfraquecida pelos índices imitativos nela presentes, que remetem não só a outra realidade, mas a outro ideário não dominado pelo autor, tornando-o apenas um imitador das convenções góticas. [...] a carência da cor local [...] é um fato a apontar para uma postura detectável de negação da realidade brasileira, e de qualquer intenção de agir sobre ela. (Causo, 2003, p. 108-109, apud França, 2017, p. 115. Grifos do autor).

O que para grande parte de seus contemporâneos seria visto como uma simples imitação, por se tratar de temas alheios ao contexto brasileiro, para Azevedo poderia se tratar de uma invenção, como nos diz Candido em *O Romantismo no Brasil*, ao falar do poeta brasileiro e seu processo criativo:

Podemos falar em invenção quando o escritor parte do patrimônio europeu para criar variantes originais, como ocorre num poema de Álvares de Azevedo, “Meu sonho”, no qual ele fecunda o modelo da balada macabra de tipo alemão (como a “Lenora”, de Bürger), deformando-o a fim de obter algo diferente. A balada se caracteriza, pelas suas próprias origens populares, por ser uma narrativa sobre personagens exteriores ao poeta; mas a de Álvares de Azevedo descreve o drama interior, elaborando imagens que projetam as tensões do ser, de modo a resultar um tipo novo de composição poética. (Candido, 2002, p. 99).

Por fim, nota-se que o conceito de literatura nacional para Álvares de Azevedo divergia do que era discutido pela maioria. Pois, mesmo que o autor não tratasse diretamente do tema, seu interesse por outras literaturas e o conhecimento de que mesmo a primeira literatura ocidental herdou de outras literaturas para sua construção demonstram que o jovem crítico tinha noção de que não seria possível criar a literatura brasileira sem se apropriar de outras tradições. Além disso, levando em conta sua própria produção poética e suas falas sobre imitação, Azevedo consegue diferenciar autores com tendências semelhantes de meros plagiadores. O que, para muitos, seria avaliado como cópia e sem valor apenas por não abordar um tema nacional, para Azevedo, poderia se tratar de um poeta capaz de exprimir sua subjetividade e originalidade mesmo que tivesse forte ligação com outro poeta.

Reflexões Sobre a Poesia Brasileira

O artigo de Bernardo Guimarães, que leva o nome do título desta seção, foi estampado nas edições 01 e 02 das publicações de 1847, de setembro e outubro, e em outras duas edições sem numeração de 1849 e 1850. Totalizando quatro partes publicadas nos *Ensaios Literários*, “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira” é um grande marco na produção crítica de Guimarães, que se dispôs a discutir os rumos corretos, ao seu ver, que a literatura brasileira deveria seguir e os caminhos errados que foram tomados por escritores contemporâneos a ele. Na rubrica do primeiro artigo, o autor expôs os temas que iria tratar durante todo seu texto, sendo eles:

Ideias gerais sobre a história filosófica do desenvolvimento da poesia na Europa. — A literatura brasileira ressentia-se do espírito português, e mais tarde do francês. — Qual foi a influência que veio exercer o Sr. Magalhães na poesia brasileira. — O golpe de morte dado no espírito de nossa nacionalidade poética que deveria desenvolver-se com a reforma política no Brasil é devido aos *Suspiros Poéticos*. — Breves considerações sobre as últimas poesias de nossa época. — Sua nova tendência e futuro. (Guimarães, 1a. série, n. 1, p. 13, setembro, 1847).

Nota-se, então, que Guimarães e Azevedo se propuseram a discorrer sobre diferentes temas, ainda que relacionados à literatura, por isso, suas propostas não podem ser equiparadas. Porém, mesmo que Azevedo não demonstrasse a

preocupação explícita com a construção da nacionalidade literária, sabe-se, por meio de discursos e cartas, que a questão não lhe era estranha, como não podia deixar de ser naquele contexto. Por outro lado, é a maneira e amplitude de visão com as quais discutia sobre o tema que deixam evidente que o autor tinha um pensamento diferente da maioria de seus contemporâneos. Outro aspecto que é caro a este estudo, que procura analisar as referências estrangeiras que podem ter contribuído para nuançar as posturas de nossos românticos, é a citação direta de professores de literaturas estrangeiras ou comparatistas franceses, como Edgar Quinet, Sainte-Beuve e Madame de Staël. Isso demonstra que o autor tinha contato com essas ideias e, embora não concordasse com tudo, dividia pensamentos com eles. Guimarães, por sua vez, também fez citações diretas e indiretas de autores, como o exemplo do escritor e viajante francês especialista na História do Brasil Ferdinand Denis, de Almeida Garrett e de Madame de Staël. Isso também mostra que, tendo acesso às mesmas revistas, cada autor encontrava o pensador que mais tivesse proximidade de ideias ou mesmo, adaptasse argumentos de autoridade para provocar uma convergência.

Antes de refletir qual rumo deveria a literatura brasileira seguir, Bernardo Guimarães procurou demonstrar por qual razão os literatos brasileiros não deveriam aderir ao modelo europeu. E a razão era simples:

Nos primeiros séculos o gênio para gerar sublimes produções, bastava compenetrar-se do espírito da época e deixar-se guiar pelo seu impulso, mas hoje é mister esforço, é mister despojar-se do caráter do positivismo, e indiferença do seu século, e recolhendo-se no santuário do passado procurar ali as inspirações, que o presente lhe não pode oferecer. Assim os maiores poetas do cristianismo Byron, Chateaubriand, e Lamartine, subtraindo-se ao [?] do mundo civilizado foram beber em plagas longínquas essas inspirações divinas que o gênio da média idade tinha entornado no teatro do mundo, foram procurar n'esse século da poesia cristã os movimentos da linguagem antiga! (Guimarães, n. 1, p. 13-14, 1847).

Para o autor, a civilização e o ceticismo havia tornado o terreno europeu árido para o cultivo da poesia. Portanto, não seria frutífero para um país abundante em temas poéticos se voltar para uma civilização enrijecida. Isso justifica o próximo tema de seu artigo, que é a presença do espírito português na literatura nacional, e mais tarde, a funesta influência francesa, trazida da Europa por Gonçalves de Magalhães em seus *Suspiros Poéticos e Saudades*.

Segundo Guimarães, a literatura brasileira ainda estava ligada à literatura portuguesa, mesmo que o Brasil houvesse se tornado autônomo politicamente, ainda não havia conquistado sua independência intelectual. Excetuando as imitações feitas em solo brasileiro, o autor considerava poucos os exemplos de uma musa verdadeiramente brasileira, como nos casos do *Caramuru*, de Santa Rita Durão, do *Uruguay*, de Basílio da Gama, e das canções amorosas de Tomás António Gonzaga. Esse ponto de vista do autor foi, certamente, influenciado pelas ideias de Ferdinand Denis sobre a literatura brasileira, como Guimarães havia mencionado anteriormente:

O amigo da literatura Brasileira o Sr. Ferdinand Denis, que tão atentamente estudou a índole e tendências do nosso espírito pensou conosco, e não hesitou augurar os mais felizes sucessos para nossa poesia — nós sobre cujo terreno a mão ávida do estrangeiro extraindo o ouro deixou cair as sementes de sua civilização cansada, nós iremos um dia nas ruínas da Europa receber inspirações do passado, como hoje o europeu refugiando-se nas selvas virgens da América ou nos destroços do velho mundo procura movimento para o coração e arpejos para a lira; — tanto a civilização seca o sentimento! (Guimarães, 1a. série, n. 1, p. 14, setembro, 1847).

O francês não só exerceu grande influência sobre Guimarães, mas também sobre a intelectualidade brasileira da época, seus estudos tiveram um impacto massivo na construção de uma literatura localista, tão característica do Romantismo brasileiro. Em seu livro *O Romantismo no Brasil*, Antonio Candido comenta a respeito de Denis e seu papel na literatura brasileira:

Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual. [...] O primeiro a dar forma a esta aspiração latente foi Ferdinand Denis (1798 - 1890), francês que viveu aqui alguns anos e depois se ocupou das nossas coisas pela vida afora. [...] Os brasileiros deveriam portanto concentrar-se na descrição da sua natureza e costumes, dando realce ao índio, o habitante primitivo e por isso mais autêntico, segundo Denis. Como modelos no passado, indicava os poemas de Basílio da Gama (1769) e Santa Rita Durão (1781), por terem assunto ligado aos indígenas. (Candido, 2002, p. 22).

Para Bernardo Guimarães, pior do que a dependência da literatura portuguesa, foi a chegada da poesia francesa no Brasil, trazida da Europa por Gonçalves de Magalhães em seus *Suspiros Poéticos e Saudades*, e responsável por matar a originalidade que estava florescendo no país (Guimarães, n. 1, p. 15, 1847). Guimarães não poupa Magalhães de suas severas críticas por ter feito tão mal à poesia brasileira, porém, por haver uma clara diferença hierárquica entre os dois naquele momento, o jovem crítico esclareceu que, apesar disso, Magalhães não se tratava de um mero imitador, inclusive, seu mérito como poeta era tanto que popularizou a poesia francesa no país. Porém, o autor ainda lamenta que não tenha sido cantado um tema brasileiro nesse livro dissipador de uma nova tendência. Anos depois dos *Suspiros*, Magalhães lançou sua *Confederação dos Tamoios*, para a qual Guimarães teceu muitos elogios, mas considerava que o remédio havia sido tardio, pois a imitação do modelo francês já havia tomado conta da literatura nacional:

Parece que a musa brasileira clamava-lhe contra semelhante usurpação, e de volta ao Brasil quis reconciliar-se com ela

compondo o seu poema a *Confederação dos Tamoios* porém tarde veio o antídoto, o gosto estrangeiro já tinha fanatizado tudo: tal foi o prestígio de sua musa. (Guimarães, n. 2, p. 15, 1847).

Companheiro de viagens de Magalhães pela Europa, Manuel de Araújo Porto Alegre também não foi poupado de críticas por Guimarães, mesmo que o autor acreditasse que o poeta teve boas contribuições para a poesia brasileira, lamentava que não manteve o nível elevado em suas composições nacionais:

Depois de havermos falado em número antecedente do Sr. Magalhães, não podemos deixar em silêncio o seu ilustre sócio de peregrinação pelo velho mundo, o Sr. Manoel de Araújo Porto Alegre: — ele com efeito ergueu a par dos — *Suspiros Poéticos* —, um hino digno de ser levado a mais remota posteridade: — é a sua — Voz da Natureza — ou Cantos sobre as ruínas de Cumas: — mas seu gênio não conservou nas posteriores produções o alto voo a que havia remontado. — Tornando ao seio da pátria, parece que a sua musa enfraqueceu, e esfriou-se o seu entusiasmo: — nas suas — Brasilianas — torna-se árido e seco. (Guimarães, s.n., p. 13, 1849).

Essa dualidade entre críticas e elogios era comum entre os jovens acadêmicos da época, uma vez que estavam sendo preparados na Academia para serem futuros políticos e não poderiam ser muito severos com nomes já consagrados, isso pode ser visto até na Introdução dos *Ensaios Literários*, onde o autor pede a proteção das “sumidades literárias” (Anônimo, n. 1, p. 1, 1847). Era uma forma de tentar incluir seu periódico acadêmico no acalorado debate acerca da nacionalidade literária, e para atingir tal feito, fazia-se necessário uma demonstração de respeito para com os autores que já eram consagrados. Como comenta Garmes em *O Romantismo Paulista*:

As “sumidades literárias”, naquele momento, seriam Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre e outros que tinham livre trânsito na Corte, sendo possível perceber, na escolha desses interlocutores, a intenção dos membros do Instituto de fazer com que seus *Ensaios Literários* também ali circulassem. (Garmes, 2006, p. 63).

Além da presença dos pensamentos de Ferdinand Denis no artigo crítico de Bernardo Guimarães, também podemos ver reflexões relacionadas com ideias de Madame de Staël, principalmente as que ligam uma literatura a um tipo de clima ou a características geográficas. Apesar do autor não citar diretamente Staël, é possível notar que suas ideias estão presentes no discurso do jovem crítico brasileiro. Na *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido demonstra como os conceitos da autora ganharam espaço no cenário nacional:

Denis aplicou ao nosso caso, com grande acuidade, certos princípios da então jovem teoria romântica, sobretudo como vinha expressa na obra de quatro escritores: Chateaubriand,

Madame de Staël, Augusto Guilherme Schlegel, e Sismonde de Sismondi. Em seguida os nossos primeiros românticos devem ter retomado esses autores, seja diretamente, seja através de expositores ainda não determinados pela pesquisa erudita. Como também Garrett se funda neles em grande parte, podemos dizer que as origens da nossa crítica romântica se encontram nas obras deles. (Candido, 2000, p. 285).

Sendo assim, isso explica como o pensamento de Staël se fez presente no ensaio de Guimarães, assim como de muitos outros autores do período, apropriando-se dele de distintas formas. No caso em questão, a presença da geografia e da etnologia para a formação da literatura brasileira evidenciam uma escolha pelo localismo, ao invés do cosmopolitismo, pois, antes de se incluir no mundo literário, o Brasil precisava criar sua própria poesia. Ainda, na *Formação da Literatura Brasileira*, o autor nos mostra como Staël foi incorporada pelos críticos românticos:

Madame de Staël, continuando a linha francesa que teve em Montesquieu o maior expoente, acentuava a importância do fator geográfico, enquanto Schlegel, prolongando as cogitações de Herder, acentuava a do fator racial. "Literaturas do norte e do meio-dia", em Sismondi; "dos povos germânicos e latinos", em Schlegel; ambas as coisas em Madame de Staël, exprimem a entrada aparatosa da geografia e da etnologia na crítica. (Candido, 2000, p. 289).

Dentro das "Reflexões Sobre a Poesia Brasileira", tais falas staëlianas podem ser encontradas em pelo menos dois momentos, primeiramente quando é dito que a literatura se desenvolverá

só quando o luzeiro da civilização difundir suas luzes pelas províncias, e desenvolver-se aclimatada igualmente por toda a extensão do império, o espírito nacional se despertará, e comunicará sua seiva às suas produções, e o caráter nacional refletir-se-á mais saliente na nossa literatura. (Guimarães, n. 2, p. 19, 1847).

Após dizer isso, Guimarães já demonstra uma concordância com tal ideologia localista, e mais adiante, novamente, quando comenta que a literatura não vai brotar da mesma forma por todo o país, levando em conta os aspectos geográficos no surgimento literário:

Provavelmente ela não será uniforme, apresentará tantas variações quanta é a diversidade de nosso clima e solo: o caráter dos povos das campinas abertas do Sul divergirá essencialmente dos habitantes das nimbosas e auríferas serranias de Minas, e dos filhos das gigantescas e majestosas florestas do Pará. (Guimarães, n. 2, p. 19, 1847).

As citações anteriores de Guimarães demonstram os conceitos mais importantes de sua crítica, presentes nas “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira”, pois o autor só acreditava em uma literatura brasileira se essa se difundisse por toda vasta extensão do país, deixando de ser centralizada na corte e se espalhasse para as províncias. Seria impossível uma literatura nacional se desenvolver em apenas uma pequena parcela da nação, tão distinta social e geograficamente de todas as províncias brasileiras, um tipo de premissa que sugere a veia regionalista do ensaísta, que se aprofundará em seus romances.

No artigo “Além da Escrava Isaura: o pensamento crítico de Bernardo Guimarães”, Ednaldo Cândido Moreira Gomes fala a respeito de como era pautada a criticidade do autor:

B. Guimarães coloca em evidência uma de suas pressuposições estéticas principais: a importância da descentralização da produção artística. Em sua ótica, uma literatura só seria genuinamente nacional quando ocorresse a difusão das luzes da civilização pelas províncias, o que aumentaria o público leitor e permitiria o surgimento de novas inspirações. (Gomes, 2008, p. 3).

Portanto, é possível deduzir que Madame de Staël tenha exercido forte influência no pensamento crítico de Bernardo Guimarães, mesmo que de forma indireta, pois a noção central na crítica do brasileiro se pauta em ideias abordadas pela francesa. Sendo assim, a literatura brasileira precisaria brotar nas mais diversas regiões do país, e tornar-se aclimatada, recusando as imitações de literaturas estrangeiras que criticou fortemente durante todo o artigo. O autor utilizou-se das ideias de Madame de Staël para defender sua posição de desenvolvimento da literatura brasileira, tendo como prioridade o surgimento da poesia nacional com raízes brasileiras (localista) e se afastando da imitação do estrangeiro que figurava no Brasil do século XIX. Apesar de Madame de Staël não ter sido formalmente ligada à cátedra de literaturas estrangeiras na França, seu renome e influência eram tais que ela foi responsável por trazer noções localistas e cosmopolitas para os professores franceses, sendo mais relevante com o localismo no contexto oitocentista brasileiro. Como nos traz Santos no capítulo “Os Primórdios da Literatura Comparada”, de seu livro já citado:

Outro mecanismo que permitiu aos contemporâneos pensar a multiplicidade do panorama ocidental foi o espírito cosmopolita, propagado por uma série de autores, dentre os quais destacamos Madame de Staël, graças à sua importância para os professores franceses de literaturas estrangeiras, aos quais ela foi uma espécie de precursora e mediadora das ideias vindas da Alemanha. Como se sabe, a visão staëliana é baseada, sobretudo, na ação do clima sobre os ânimos do ser humano, o que faz com que ela se baseie num aspecto local que será, posteriormente, contraposto a um aspecto geral. (Santos, 2022, p. 89).

Embora a autora debata a especificidade proveniente da relação clima/sociedade na produção de uma dada literatura nacional, autores como Pierre Macharey (apud Santos, 2022, p. 90) pontuam que o interesse de Staël não

era isolar essa relação, mas pensá-la como amplo conjunto heterogêneo. Daí a sua importância para aqueles que quisessem pensar o fenômeno literário de forma macro. No entanto, a leitura mais pontual de sua teoria foi aquela que mais prosperou entre nós, alavancando os discursos em torno de um certo isolacionismo cultural.

Além das referências aos estudiosos de literatura, o autor usou do restante do seu artigo para afirmar sua visão e agir como uma espécie de líder do movimento, como pode ser visto quando usa um artigo inteiro para elogiar o poema “Hino à Tarde”, de Odorico Mendes, mas ao mesmo tempo acusa o poeta de se manter indiferente ao movimento nacionalista. Disposto a incitar outros jovens a participarem da criação da literatura nacional, Guimarães dedicou os dois últimos artigos a elogiar e criticar, quando necessário, os poetas que demonstravam o caráter nacional, como foi o caso de Mendes. Para o autor, o poeta tinha tudo que era necessário para participar de seu projeto literário, tendo qualidade para cantar os temas nacionais e fugindo da imitação do estrangeiro. Nas palavras de Guimarães:

Só quando aparecer um gênio verdadeiramente patriótico e grande que ousando quebrar as cadeias da imitação alçar o estandarte da regeneração poética, o Brasil possuirá uma literatura nacional! Um homem porém dotado de grande gosto para a poesia, poeta em toda a extensão da palavra, não contaminado pela epidemia da imitação, e que poderia salvar a nossa nacionalidade poética, tem-se conservado indiferente e egoísta no meio da corrupção geral — falo do Sr. Odorico Mendes. (Guimarães, n. 2, p. 19-20, 1847).

Por fim, no último artigo de suas “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira”, o autor lamenta a morte de dois jovens poetas que poderiam dar bons frutos para a poesia nacional, Francisco Bernardino Ribeiro e F. Dutra e Melo. Após conhecer todo o pensamento do crítico em seu artigo, pode-se dizer que Guimarães era um escritor e crítico “clássico” do Romantismo, fortemente ligado à cor local e a temas indígenas, como grande parte dos escritores do período. Prezando pelo desenvolvimento da literatura brasileira ligada a cor local, exaltando autores que tratavam de temas nacionais e criticando aqueles que se deixavam levar pelo mal da imitação, Bernardo Guimarães tentou exercer sua influência em outros jovens para o desenvolvimento do projeto literário que acreditava ser o caminho certo para o Brasil.

Divergências e convergências críticas entre Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães

Apesar dos dois escritores se encontrarem em diferentes lados no espectro do Romantismo, um que já demonstrava características que depois o fizeram ser conhecido como “regionalista” por seus romances, e o outro como um “ultrarromântico” e “o mais byroniano dos poetas” aberto à influência estrangeira, não se pode desconsiderar que eram contemporâneos, e mais do que isso, mantinham uma estreita relação. Portanto, é difícil de se acreditar que mesmo os

dois parecendo opostos, não tivessem nada em comum em suas visões de literatura. Sendo assim, será feita uma análise de temas como imitação, literatura local vs estrangeira, aceitação da influência portuguesa e relação com professores e estudiosos de literaturas estrangeiras para averiguar essas distâncias.

Em seus respectivos artigos, ambos os autores trataram, em algum momento, sobre o problema da imitação. A temática foi mais presente no artigo de Guimarães, demonstrando que considerava a prática bastante negativa, não que Azevedo não considerasse também. Pois vimos que se preocupou em demonstrar que Musset não se tratava de um imitador de Byron, atestação que poderia prejudicar a obra do poeta, uma vez que o conceito da originalidade era muito caro aos românticos. Porém, podemos concluir que a forma que os autores viam a imitação era um pouco diferente, algo justificável, levando em conta que os dois artigos tinham propostas distintas. A preocupação exacerbada de Guimarães era simples de ser explicada, sendo ele adepto de ideias como a construção de uma literatura genuinamente brasileira, não poderia admitir que temas totalmente deslocados do país fossem utilizados amplamente pelos escritores nacionais, ainda mais os jovens, uma vez que era uma poesia de climas e regiões diferentes e distantes do Brasil. Enquanto que Azevedo usa o conceito de imitação para confirmar a grandeza de Musset e preservar sua originalidade, algo mais próximo da invenção que nos dizia Candido a respeito do próprio Azevedo. Essa capacidade de se apropriar de temas e obras e, ainda assim, conseguir construir algo de novo, fruto do gênio individual, demonstra uma grande capacidade criadora.

Quanto à literatura local e estrangeira, é certo dizer que Guimarães via não como uma união, mas como existindo um confronto entre as duas, em outras palavras: era a literatura local vs a estrangeira. Para ele, a literatura brasileira deveria surgir do solo brasileiro e se adaptar ao clima, não havia razão para que se admitissem influências estrangeiras, pois essas literaturas eram distantes da brasileira, tanto temática quanto geograficamente. Porém, quando olhamos esse mesmo assunto na visão de Azevedo, vemos claramente que ele enxerga como literatura local e estrangeira, com esta podendo, sem problemas, servir como referência para aquela. Tal noção é evidente desde os primeiros parágrafos do artigo de Azevedo, com referências a muitas literaturas e suas relações com diversas outras, diretamente ligado à “união dos povos” de Quinet. Se essas relações existiam mesmo entre literaturas de longa tradição, como a francesa e a inglesa, parece-lhe natural que a nascente literatura brasileira continuasse se nutrindo de outras.

Sendo assim, é correto afirmar que Álvares de Azevedo não enxerga uma barreira que separasse toda influência estrangeira, ele valoriza outras características como analisar se o poeta consegue ser original ou não, mesmo que tenha traços em comum com outros, se tinha capacidade inventiva. Ainda, não só pelo seu ensaio crítico como por grande parte de sua produção literária, pode-se confirmar que ele mesmo se mostrava aberto a isso e aparentava não enxergar uma disputa entre o que é local ou não.

A respeito da aceitação da literatura portuguesa no Brasil, pode-se dizer que é um tema que os autores, se não concordam totalmente, dividem muitas ideias em comum. Nas “Reflexões Sobre a Poesia Brasileira”, em dado momento, Guimarães afirma que talvez fosse mais sensato para o desenvolvimento da

literatura brasileira se entregar às grandes obras da literatura portuguesa, mas só em relação às formas, pois não via com bons olhos a quantidade de mitologia grega que havia nela (Guimarães, n. 2, p. 17, 1847). Esse ponto de vista é o mesmo de que nos fala Garrett em seu *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa* e citado por Candido na *Formação da Literatura Brasileira*:

Naquele ano, ao traçar o primeiro panorama evolutivo da literatura portuguesa, Almeida Garrett não apenas salienta os brasileiros, mas formula a ideia de que deveriam escrever seguindo as sugestões da terra, trocando a mitologia pela realidade local. (Candido, 2000, p. 282).

Por sua vez, quando Álvares de Azevedo discute sobre a linguagem do poema “Rolla”, ele remete a Sainte-Beuve e sua ideia de “perfume de antiguidade”, pois Musset havia conseguido evitar que o poema ficasse repleto de arcaísmo ao mesmo tempo que o enriqueceu com tesouros do passado. No caso da literatura brasileira e da língua portuguesa, Azevedo considerava que nossa língua era muito rica, portanto, eram de muito mérito aqueles que conseguiam unir as ideias da atualidade com expressões de grandes mestres da língua, como as dos portugueses Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Mendes Leal e Ant3nio Feliciano de Castilho. Nas palavras do autor:

Entre nós, por exemplo, que tão opulento havemos o idioma pátrio, são irrecusáveis méritos aqueles que retemperam as ideias de hoje, no fogo das expressões dos mestres da língua: por isso os escritos dos Srs. Alexandre Herculano e Garrett, A. F. de Castilho e Mendes Leal — quando esses dois últimos não resvalam nos trocadilhos do seiscentismo — além de seu quilate literário, tem esse valor. (Azevedo, s.n. p. 32, s.d. [out. 1850]).

Sendo assim, é válido dizer que os dois autores concordam a respeito da influência portuguesa sobre nossa literatura, com Azevedo não dispensando essa herança para ser incorporada na literatura brasileira, uma vez que ela garantia nossa ligação a todo reservatório da literatura ocidental, e Guimarães aceitando tal influência por ser menos danosa do que a francesa, já que era mais próxima dos nossos usos e costumes, tendo em vista a colonização. Apesar da diferença dos motivos, há esse ponto em comum no pensamento dos autores, ainda mais porque Guimarães tinha o mesmo conhecimento de Azevedo de que a literatura portuguesa era um legado para nós, mesmo que quisesse se desvencilhar dela:

Talvez seria mais conveniente para o desenvolvimento do espírito nacional entregarmos ainda aos clássicos da literatura portuguesa, mas só quanto à forma, pondo de parte a mitologia grega; se ainda nos não achávamos na senda que devíamos trilhar, ao menos não estávamos dela tão afastados como hoje; éramos para com eles isentos dessa admiração fanática que sufoca inteiramente a voz do nacionalismo; também eles, os Lusos imitaram às vezes com demasiado escrúpulo os Gregos, e Romanos, mas não tão servilmente que não vislumbre alguma

originalidade nesses eternos monumentos que nos legaram, o seu caráter nacional muito fortemente enunciado não podia curvar-se inteiramente sob a influência estrangeira. (Guimarães, n. 2, p. 19-20, 1847).

Por fim, no tocante à relação dos autores com os pensadores de literaturas estrangeiras, é possível dizer que ambos conheciam todos os citados, direta ou indiretamente, por terem seus artigos veiculados em revistas europeias populares no Brasil oitocentista, caso da *Revue des Deux Mondes*, e tendo suas ideias sido muito difundidas entre nossos intelectuais. Sendo assim, é interessante notar que nossos acadêmicos não absorviam e acatavam tudo o que liam, como pode ser evidenciado por Álvares de Azevedo citando Madame de Staël, mas não demonstrando hora nenhuma compactuar com seu pensamento localista. Quando foi citada no texto alvaresiano, Staël foi lembrada pela citação "Não compreendem essa intimidade da música e da pintura, de que fala M.me de Staël" (Azevedo, s.n., p. 30, s.d. [out. 1850]), momento no qual o autor analisa os recursos sonoros utilizados por Alfred de Musset, o que evidencia que o autor tinha conhecimento da autora. Por outro lado, no artigo de Guimarães, apesar de não citar o nome da francesa, é clara a sua influência nos conceitos empregados por ele, como noções tão características envolvendo condições climáticas e geográficas. Ainda, é interessante ressaltar que Guimarães foi influenciado pelos escritos de Ferdinand Denis e Almeida Garrett sobre a literatura brasileira, enquanto Azevedo cita professores franceses de literaturas estrangeiras, como Edgar Quinet, demonstrando que estava a par do que havia de mais moderno e cosmopolita na crítica francesa da época, que se abria a um viés comparatista. Sendo assim, os dois jovens críticos usaram as páginas dos *Ensaio Literários* para darem suas opiniões sobre a literatura brasileira e suas relações com as literaturas estrangeiras, se fazendo presentes no acalorado debate que ocorria na imprensa do século XIX.

Conclusão

A partir de considerações acerca dos ensaios críticos de Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, foi possível extrair informações sobre como os escritores viam o papel da crítica literária e a literatura brasileira e sua relação com as literaturas estrangeiras. Sendo assim, ficou evidente que, apesar de já poder serem vistas as características regionalistas de Guimarães e Azevedo ser inclinado para as literaturas estrangeiras e à influência de Byron, eles têm pontos em comum, e rótulos dados posteriormente à morte deles não dão conta de contemplar toda a reflexão que eles desenvolveram. Se, nas histórias literárias contemporâneas, eles aparecem como opostos, havia diversas ideias em comum entre eles e tinham acesso a um embasamento teórico comum. É necessário ir além da superfície para perceber que os dois escritores além de terem discordâncias, tinham muitas visões em comum acerca de literatura. E, nesse sentido, a pesquisa erudita, envolvendo fontes primárias, como jornais e revistas nacionais e estrangeiras, se faz pertinente para reavaliar os diálogos entre autores do Romantismo brasileiro.

Agradecimentos

Este artigo é oriundo da pesquisa "Caminhos do comparatismo nas folhas acadêmicas da São Paulo oitocentista: vozes dissonantes", financiada pela FAPEMIG (Demanda Universal 1/2021).

Referências

- ANÔNIMO. Introdução. *Ensaaios Literários, Jornal de uma Associação de Acadêmicos*. São Paulo, 1a. série, n. 1, p. 1, setembro, 1847.
- AZEVEDO, Álvares de. Alfred de Musset — Jacques Rolla. *Ensaaios Literários, Jornal de uma Associação de Acadêmicos*. São Paulo, n. 1, p. 5-9, s.d. [1850].
- AZEVEDO, Álvares de. Alfred de Musset — Jacques Rolla. *Ensaaios Literários, Jornal de uma Associação de Acadêmicos*. São Paulo, s.n., p. 28-33, s.d. [out. 1850].
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- FRANÇA, Júlio. O sequestro do gótico no Brasil. In: CAMARGO, Luciana (Org.). *Nuances do Gótico: do Setecentos à atualidade*. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017.
- GARMES, Hélder. *O Romantismo Paulista: Os Ensaaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.
- GOMES, Ednaldo. Além da Escrava Isaura: o pensamento crítico de Bernardo Guimarães. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 0, 2008, São Paulo. *Anais do XI Congresso Internacional Abralic*. São Paulo, 2008, p. 1-10.
- GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões Sobre a Poesia Brasileira. *Ensaaios Literários, Jornal de uma Associação de Acadêmicos*. São Paulo, 1a. série, n. 1, p. 13-15, setembro, 1847.
- GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões Sobre a Poesia Brasileira. *Ensaaios Literários, Jornal de uma Associação de Acadêmicos*. São Paulo, 1a. série, n. 2, p. 13-20, outubro, 1847.
- GUIMARÃES, Bernardo. Reflexões Sobre a Poesia Brasileira. *Ensaaios Literários, Jornal de uma Associação de Acadêmicos*. São Paulo, s.n., p. 12-14, maio, 1849.
- MOREIRA, Maria Eunice. O Brasil em papel: ideias e propostas no pensamento crítico do Romantismo. In: CORDEIRO, Rogério (Org.) [et al.]. *A Crítica Literária Brasileira em Perspectiva*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013.
- SANTOS, Natália Gonçalves de Souza. *Um Leitor Inconformado: Álvares de Azevedo e a Literatura Comparada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

Para citar este artigo

NASCIMENTO, Luís Otávio Rocha; SANTOS, Natália Gonçalves de Souza. Debates críticos nos Ensaios Literários: a nascente literatura brasileira segundo Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 247-265, maio-ago. 2024.

265

Autoria

Luís Otávio Rocha Nascimento é graduando em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Foi bolsista de Iniciação Científica na pesquisa financiada pela FAPEMIG que deu origem a este artigo. E-mail: luis.o.nascimento@ufv.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-6495-8974>.

Natália Gonçalves de Souza Santos é professora de Literatura no Departamento de Letras da UFV e colaboradora permanente no PPGLetras, na mesma instituição. Doutora em Teoria Literária e Literatura pela USP (2018) e autora do livro *Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e a literatura comparada* (EDUSP, 2022). E-mail: natalia.g.santos@ufv.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4679-0963>.